

**A LINGUAGEM URBANA:
O DISCURSO PÚBLICO E PRIVADO⁹**

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFS)
eliaspedrosa@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Analisar a linguagem, seja em que modalidade se manifeste, tem sido um desafio para linguistas e outros especialistas de áreas que trabalham com a linguagem. Assim é que nosso desafio é analisar as manifestações linguageiras de familiares que exaltam os feitos dos filhos através de faixas expostas em frente às suas casas ou prédios e também as faixas direcionadas a agradecimentos religiosos por graças alcançadas e mesmo outras manifestações de discursos que há até pouco tempo eram consideradas de circulação restrita ou privada e agora atinge um patamar de circulação pública e, a partir desses exemplos, apontar o *ethos* constituído através desta prática discursiva e social. Para alcançar esses objetivos, nos propomos a utilizar a metodologia da pesquisa de campo seguindo as orientações da Análise Crítica do Discurso de orientação social.

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO:
O DISCURSO PRIVADO E PÚBLICO**

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma disciplina que dialoga com a Linguística e a Ciência Social Crítica e constitui um modelo teórico-metodológico aberto a pesquisas de diversas práticas na vida social.

Por isso, as análises empíricas em ACD devem movimentar-se entre o linguístico e o social, pois esta considera o discurso como uma forma de prática social, ou seja, como um modo de ação sobre o mundo e a sociedade, apontando para as mudanças sociais contemporâneas e as práticas emancipatórias. Isto justifica por que pesquisa, nesse campo, requer uma visão científica de crítica social a

⁹ Pesquisa financiada pela UFS, edital POSGRAP 02/ 2007, PAIRD.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

fim de prover base científica para um questionamento crítico da prática social (Resende e Ramalho, 2004).

Há que se considerar o vínculo indissociável entre linguagem e sociedade. Esse caminhar junto é “um dos mecanismos pelos quais a sociedade se reproduz e autorregula. Ao mesmo tempo que (re)valida o princípio de que a linguagem é uma prática social” (Gouveia Flul, 2006).

Por ocasião do estabelecimento desse campo de estudo, suas concepções básicas, entre outras, incluíam ponto de vista como (Kress, 1989 apud Wodak, 2006)

- A linguagem é um fenômeno social.
- Indivíduos, instituições e os grupos sociais possuem significados e valores específicos, que são expressos de forma sistemática por meio da linguagem
- Os textos são as unidades relevantes da linguagem na comunicação.
- Os leitores/ouvintes não são recipientes passivos quando se relacionam com os textos.
- Há similaridades entre a linguagem da ciência e a linguagem das instituições.

Os aspectos acima elencados apontam para a visão de discurso enquanto prática social e como tal, ele

estabelece uma relação dialética com a estrutura social, na medida em que se afirma como um dos seus princípios estruturadores, ao mesmo tempo que é por ela estruturado e condicionado. Ou seja, a estrutura social é uma condição para a existência do discurso, mas é também um efeito de tal existência: por um lado, o discurso é constrangido e formado por relações ao nível da sociedade, por relações específicas a instituições particulares, por sistemas de classificação e por várias normas e convenções, de natureza quer discursiva, quer não discursiva, de tal forma que os eventos discursivos variam, na sua determinação estrutural, de acordo com o domínio social particular ou enquadramento institucional em que são gerados. (Gouveia Flul, 2006).

As convenções sociais moldam e são moldadas pelo discurso. Este aspecto define e sustenta o que queremos apresentar com esta

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

pesquisa. A instituição família divulga seus discursos moldando um discurso que antes era privado e agora passa a circular publicamente.

Essa reestruturação do limite público/privado é evocada em Fairclough (2001). O autor aponta para uma fragmentação dessa distinção, em que “a vida pública e a privada são reduzidas a um modelo de ação e motivação individual, e de relações baseadas em presumida experiência popular da vida privada” (Fairclough, 2001, p. 147).

Atestamos esse novo cenário através de faixas e *outdoor* elaborados por familiares para divulgar eventos e feitos de filhos, pais, e outros parentes chegados. E assim, desenha-se um novo cenário urbano, em que o herói já não é mais aquele que venceu uma guerra e por isso merece uma estátua, mas uma pessoa comum que passou no vestibular e por essa razão recebe várias faixas em frente a sua casa e ruas adjacentes. Já não é uma princesa que se faz anunciar na sociedade, mas é a foto de uma jovem que os pais orgulhosamente apresentam em um *outdoor* por ocasião de seus 15 anos. Esse cenário também abre espaço para a linguagem da fé. Pessoas comuns fazem questão de anunciar aos transeuntes os milagres que receberam em suas vidas.

Discurso privado com circulação pública e a construção do ethos

A construção da imagem de si (*ethos*) através do discurso estabelece a relação com o interlocutor. Nesta pesquisa sobre a linguagem de familiares no espaço urbano aponta para um cenário urbano que se modifica, inaugurando um espaço de interação que influencia a representação das “faces” dos interlocutores (Amossy, 2005).

Essas práticas discursivas retratam mudanças sociais e culturais. Constroem-se, com essas práticas, novas identidades e memória de um povo. E nesse espaço de interlocução urbana, inserem-se novas vozes que buscam ser ouvidas, constituindo, deste modo, alteridades, numa confirmação em que a consciência de si passa necessariamente pelo reconhecimento da presença do Outro. “Toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente” (Bakhtin, *apud* Dahlet, 2006, p 55), já advogava Bakhtin em sua época.

Estamos, destarte, diante da construção de um espaço discursivo que retrata uma sociedade em mudança, como já ressaltamos, e uma pesquisa social científica sobre mudança social e cultural, defendida pela Análise Crítica do Discurso (ACD), nos moldes praticados por Fairclough 2001 a, b; 2003, Pedrosa, 2005, Wodak, 2004, responde a questões que se nos apresentam, tais como: de que forma práticas discursivas, eventos e textos se relacionam com estruturas sociais e culturais? Como práticas discursivas se constituem ideologicamente e também têm condições de apontar essas ideologias?

A mudança histórica, uma das grandes preocupações da ACD, é compreendida como "(...) mudanças de praticas discursivas e seu lugar dentro de processos mais amplos de mudança social e cultural" (Fairclough, 2001, p. 38). Com as palavras a seguir, Wodak (2004, p. 27) testemunha a contribuição de Fairclough em relação aos estudos que apontam para as mudanças sociais, como ponto também de avanço nas pesquisas em ACD: "Mais tarde, Fairclough (1992, 1995) e Chouliaraki e Fairclough (1999) explicam e elaboram alguns avanços da ACD, mostrando (...) como a ACD é útil para revelar a natureza discursiva de muitas das mudanças sociais e culturais contemporâneas".

Teorias críticas, como a ACD, por exemplo, "objetivam a produção de conscientização e da emancipação" (Wodak, 2004, p. 30). As mudanças históricas, em ACD, definem-se a partir de mudanças de praticas discursivas e seu papel em processos mais amplos tanto de mudança social e quanto cultural (Fairclough, 2001b).

Esse aspecto de emancipação constitui uma característica forte da ACD. Através da investigação das relações existentes entre discurso e prática social, procura-se desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, a fim de favorecer a desarticulação dessas estruturas. É dessa forma que a ACD vem se desenvolvendo e se atualizando, ao buscar estreitar os laços com teorias sociais (Resende e Ramalho, 2004).

Para atender a essa nova virada, Fairclough (2003) sugere que deve ocorrer uma guinada tanto social quanto crítica e histórica. Por isso que, ao utilizar o termo discurso, ele o associa ao uso da linguagem como forma de prática social, negando-lhe um caráter essencialmente resultante de uma atividade individual ou reflexo de variá-

veis situacionais (Fairclough, 2001). O discurso é um modo de ação, uma prática que transforma o mundo e os outros indivíduos no mundo.

Segundo perspectiva de Resende e Ramalho (2004), a partir de leitura de Harvey (1996), o discurso seria tão somente um momento do social e sua relação com outros momentos é uma questão que deve ser avaliada. Os momentos das práticas, de acordo com Harvey (1996, *apud* Resende e Ramalho, 2004, p. 04), são: “relações sociais, poder, práticas materiais, crenças/valores/desejos, instituições/rituais e discursos.”

Inserido nesse contexto, Mey (2001) defende que o exercício da voz no discurso é uma atividade política porque o discurso é uma noção política. Corroborando esse mesmo aspecto, encontramos em Maingueneau (2000), que em um discurso, as vozes são marcadas por seus lugares sociais, os interlocutores marcam ao mesmo tempo o lugar que pretende ocupar e o lugar que pretende conferir ao outro no discurso.

Voltando a Fairclough (2001 a, b; 2003), o discurso seria tanto constituído pelo social (por suas formas reprodutivas socialmente), mas também seria constitutivo do mesmo (socialmente transformativos). Por isso que entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-la como um modo de ação historicamente situado, que é constituído socialmente, mas também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimentos e crenças.

Quando se começou a estender o objeto da linguística para o discurso, esse objeto era estudado, principalmente, na “descrição da estrutura dos textos e das conversações ou nos processos psicológicos do discurso. Não obstante, na última década, nos demos conta de que a linguística e a Análise de Discurso são, também, parte das ciências sociais e precisam legitimar sua posição na sociedade” (Resende e Ramalho, 2004, p. 8).

Desse modo, podemos afirmar, concordando aqui com Sant’Anna et al (material sobre relação entre linguagem e trabalho, cedido em 2006), que este trabalho também

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

participa de um conjunto de reflexões voltadas para a ampliação do perfil do linguista como cientista social, em especial no que se refere a análises que se voltam para o conhecimento de seu entorno sócio-histórico. Tal perfil não só atende a novas demandas da sociedade, como também permite ao linguista aproximar-se de discussões teórico-metodológicas que até então não eram privilegiadas pelos estudos linguísticos.

O *ethos* na AD e ACD é tratado de maneira convergente. Resolvemos tratar este assunto diretamente com a análise no tópico 4.4.

METODOLOGIA E OBJETIVOS

Situar o espaço urbano como um espaço discursivo onde circulam mensagens de cunhos particular e público, sendo a circulação do discurso privado uma característica da fragmentação da distinção entre esses dois tipos de discursos que apresentam, na atual conjuntura da sociedade pós-moderna, aspectos similares em sua produção, distribuição e consumo vem a ser nosso objetivo geral para esta investigação. Com base nesse objetivo geral, desenvolveremos alguns objetivos específicos:

- Classificar, por temas e domínios, os *outdoors* e faixas de “domínio privado”;
- Identificar o grau de familiaridade/parentesco estabelecido na mensagem;
- Analisar as práticas textuais, discursivas e sociais veiculadas nas faixas e *outdoors*.
- Identificar que representação o enunciador faz de si e do interlocutor (*ethos*).

Contextualização geográfica da pesquisa

A pesquisa terá como espaço urbano e discursivo a cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe. O ano base será de novembro de 2007 a julho de 2008. O corpus será formado de faixas e *outdoors* afixados por familiares nos bairros da cidade. O perfil da cidade de Aracaju pode ser encontrado em (<http://www.aracaju.se.gov.br/cidade/>) e (<http://www.infonet.com.br/joshuarts/aracaju.htm>). É uma cidade

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

planejada, as ruas formam um xadrez. A população estimada em 2006 é de 505.286 habitantes.

No início do século passado, Aracaju apresentava mais as características de um povoado que uma cidade capital. Segundo o site da Prefeitura, por volta de 1920, aconteceram as grandes transformações urbanísticas em torno das comemorações do primeiro Centenário da Independência de Sergipe. Em outras décadas, o crescimento e urbanização de Aracaju se definem, e atualmente, Aracaju apresenta aspectos de cidade grande.

Pelo que acompanhamos, o estabelecimento da cidade criou um paisagismo urbano que se compara às grandes cidades planejada. Contudo, a nossa pesquisa não situa mais o aspecto topográfico neste paisagismo, mas o linguageiro, dentro de uma proposta de linguagem verbal e semiótica.

ANÁLISE: ETHOS NO DISCURSO PRIVADO

Temas das faixas de “domínio privado”

Os temas identificados nas faixas são os mais diversos: felicitação de aniversário, de dia das mães, aniversário de familiares, graça alcançada. Porém um tema se destaca: os feitos dos filhos ao passar no vestibular. Então, principalmente, no meio e final de ano, vamos encontrar estas faixas distribuídas em frente às residências e condomínios, vindo, assim, a acrescentar as faixas apresentadas por cursinhos divulgando a vitória de seus alunos.

Grau de familiaridade/parentesco estabelecido na mensagem

Geralmente as faixas são identificadas como sendo, de um modo geral, de “familiares”. Porém, encontramos outros locutores específicos: “vovô X e vovó” Y; “seus pais”; “seus filhos e netos”; “filha, genro e netos”.

Práticas textuais, discursivas e sociais veiculadas nas faixas

Como afirma Fairclough (2001), a circulação do discurso privado em nossa sociedade apresenta a característica da fragmentação da distinção entre o discurso público e o privado. Deste modo, a mudança histórica passa pela mudança discursiva e vice-versa, pois a linguagem é um fenômeno social.

Ao considerar que “indivíduos, instituições e os grupos sociais possuem significados e valores específicos, que são expressos de forma sistemática por meio da linguagem”, podemos entender essa nova manifestação do discurso privado. A instituição família que se fazer ouvida em seu espaço urbano, ocupando o lugar de verdadeiras ‘agências publicitárias’ de seus membros.

Exemplo Faixa 1:

Parabéns ‘fulano’
arquitetura e urbanismo – UNIT
Sucesso é o que deseja seus familiares

Exemplo Faixa 2:

‘Fulana’. Escola Bahiana de Medicina
Estamos orgulhosos com a sua conquista
vovô X e vovó Y

Exemplo Faixa 3:

Fulana, você não é fraca não
Além de gás você tem petróleo
Unit 2008-07-10
sua família que te ama

Com certeza, a maioria dos interlocutores que lê as faixas não conhece o não-sujeito (para usar a nomenclatura de Benveniste) louvado e nem o sujeito que se materializou na linguagem. Contudo, os interlocutores passam a receber a informação de que naquela residência alguém teve sucesso no vestibular, assim sendo, o discurso passa a marcar o lugar de mais uma voz que se quer ser ouvida, atestando que o discurso é uma forma de prática social.

O discurso é um dos mecanismos pelos quais a sociedade tanto se reproduz e como se auto-regula. A estrutura social é uma condição para a existência do discurso, e também o resultado de tal existência (Gouveia Flul, 2006). Repetindo Fairclough (2001, p. 147): “a

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

vida pública e a privada são reduzidas a um modelo de ação e motivação individual, e de relações baseadas em presumida experiência popular da vida privada”.

O exercício da voz no discurso é uma atividade política, pois o discurso é uma noção política. Vejamos mais alguns exemplos:

Exemplo Faixa 4:

Parabéns Falana, campeã e vice campeã
Campeonato Brasileiro região I Liga Nacional de Judô
Agradecemos a Deus e aos patrocinadores
Centro automotivo Mota e Colégio Arquidiocesano
Seus familiares

Exemplo Faixa 5:

Fulana (nome dentro de um coração)
Mãe, avó, sogra e acima de tudo a melhor amiga.
Que Deus te abençoe
Te amamos, Filha, netos e genro.

Exemplo Faixa 6:

Agradeço a Santo Expedito, pela graça alcançada
M. P.D.F

O discurso como um momento do social precisa ser avaliado com outros momentos. Esses outros momentos estão ligados ao poder, as práticas materiais, as crenças, e aos rituais das instituições. Ele seria tanto constituído por suas formas reprodutivas socialmente, como também seria socialmente transformativos. Por isso que entender o uso da linguagem como prática social pressupõe entendê-la como um modo de ação que é situado historicamente, e mais que é constitutivo de identidades sociais.

As identidades sociais evocadas nos exemplos acima foram constituídas por uma prática social transformativa, pois consideramos que esta divulgação do discurso privado através de um suporte público não ultrapassa a mais de uma década na cidade de Aracaju.

Representação de si e do outro (ethos)

O termo *ethos*, herdado da retórica antiga, e retomado em ciências da linguagem e Análise do Discurso, “designa a imagem de si

que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre o seu alocutário” (Charaudeau; Maingueneau, 2004, p. 220).

O posicionamento da AD é de que o enunciador constrói a imagem de si através do caminho que ele elege a fim de legitimar seu dizer. Em seu discurso, ele marca sua posição institucional e também marca sua relação a um determinado saber (Charaudeau; Maingueneau, 2004).

Ainda de acordo com Charaudeau (2006), o *ethos* relaciona-se ao cruzamento dos olhares do outro e do eu sobre o discurso. Com isso, o autor destaca para constituir a imagem do enunciador, esse outro se sustenta ao mesmo tempo tanto nos dados preexistentes ao discurso como nos dados trazidos pelo ato de linguagem.

Dentro do quadro teórico da ACD, a noção de *ethos* não vai diferir da perspectiva defendida pela AD.

O *ethos* resulta da identidade psicológica e social que é atribuída a um sujeito mediante suas palavras no discurso (Charaudeau, 2006). Nos seis exemplos que apresentamos no tópico 4.3, verificamos o *ethos* de amor dos familiares por um de seus membros que teve sucesso. Contudo, podemos destacar que “o sujeito que fala pode jogar com máscaras, ocultando o que ele é pelo que diz, e, ao mesmo tempo, o interpretamos como se o que ele dissesse devesse necessariamente coincidir com o que ele é.” (Charaudeau, 2006, p. 116). Os papéis do sujeito ligam-se às representações sociais: “o sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado grupo social e que são configuradas como “imaginários sociodiscursivos” (Charaudeau, 2006, p. 117). Assim é que os papéis de familiares amorosos, orgulhosos só são permitidos pelas representações que circulam em seu grupo social. Confirmem-se as marcas linguísticas que permitem a identificação desses *ethé* de amor e orgulho de familiares.

Exemplo 1 - Sucesso é o que deseja seus familiares

Exemplo 2 - Estamos orgulhosos com a sua conquista

Exemplo 3 - sua família que te ama.

Exemplo 5 - Te amamos, Filha, netos e genro.

O *ethos* resulta de julgamentos de indivíduos de um grupo social com base práticas sociolinguageiras (Charaudeau, 2006). Ainda afirma Charaudeau (2006, p. 168) que “cada locutor tem uma manei-

ra de falar que lhe é própria, mas ao mesmo tempo depende de comportamentos e de papéis sociais bem repertoriados.” Esses papéis ‘bem repertoriados’ estão sustentados nos papéis de pais, avós, filha, netos e genro legitimado socialmente.

Exemplo 1 - Sucesso é o que deseja seus familiares

Exemplo 2 - Estamos orgulhosos com a sua conquista. Vovô X e vovó Y

Exemplo 3 - sua família que te ama.

Exemplo 4 - Seus familiares

Exemplo 5 - Te amamos, **Filha, netos e genro.**

A maneira de dizer do locutor autoriza a constituição “de uma verdadeira imagem de si e, na medida que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos” (Amossy, 2005, p. 16 e 17), ela também contribui para uma inter-relação entre o locutor e seu alocutário.

CONCLUSÃO

Como resultado, esta pesquisa objetivou apresentar um perfil da linguagem urbana resultante da fragmentação da distinção entre o discurso veiculado em domínios público e privado.

O espaço urbano está identificado como um espaço discursivo onde encontramos um discurso que constitui o *ethos* de famílias louvando os feitos dos filhos em passar no vestibular, agradecendo bênçãos recebidas e outras mensagens que eram exclusividade de um domínio privado ou veiculado em outros espaços discursivos.

Na atualidade, pelo menos, na cidade de Aracaju, vivemos em um mundo de linguagens e de leituras semióticas que penetram nossos sentidos e transformam nossos valores e forma de ver o mundo. Passamos a ter interesse em divulgar e receber informações que até pouco tempo eram consideradas privadas. Esse novo paradigma mudou o cenário urbano no que diz respeito às mensagens que recebemos. Esse é um retrato de mudanças sociais e culturais que cria representações de um povo em relação a seus valores e crenças.

REFERÊNCIAS

AMMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. **In:** —. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

———. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

DAHLET, Patrick. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. **In:** BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: dialogismo e construção de sentido*. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 2006, p. 55-86.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001a.

———. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. **In:** MAGALHÃES, Célia (org). *Reflexões sobre análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001b, p. 31-82

———. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. **In:** WODAK, Ruth; MEYER, Michel (eds.). *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 179-203.

GOUVEIA FLUL, Carlos A. M. *Análise crítica do discurso: enquadramento histórico* (<http://www.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/artigos/HCC.pdf>). Acessado em 10/06/2007

MAINGUENEAU, Dominique. Termos-chave da análise do discurso. *Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000*.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise crítica do discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem. **In:** IX Congresso nacional de linguística e filologia – *Cadernos do CNLF*, Vol.IX, nº 03. – Rio de Janeiro, 2005, p. 43-68.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise crítica do discurso*. São Paulo: Contexto. 2006.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

———. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, vol 5, volume 5, número 1, 2004 <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/00.htm>. Acessado em 26/06/2007.

SANT'ANNA, Vera Lúcia A. ET all. *Greve no ABC*: O processo das lutas sindicais na voz da imprensa. Material cedido pela autora em 2006.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, vol 4, número especial, 2004. <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/revista.htm>. Acessado em 30/06/2007.